

CARTILHA METODOLOGIAS ATIVAS PARA O ENSINO- APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA: O ENSINO HÍBRIDO - SALA DE AULA INVERTIDA

Maria das Lagrimas Leite Minervino ¹
profmariamminervino@gmail.com

Diego Salomão Cândido de Oliveira Salvador ²
Diegosalomao84@hotmail.com

RESUMO

Neste trabalho refletimos sobre as metodologias ativas de ensino-aprendizagem em Geografia, com a proposição de uma cartilha didática acerca da Sala de Aula Invertida (SAI) no ensino dessa disciplina escolar (SAIGEO). Escolhemos a proposição de uma cartilha didática devido ao fato dessa se apresentar como recurso didático que pode ser disponibilizado facilmente para o professor, além de ser destacada por colegas de profissão como um recurso didático que pode ser utilizado no ensino de Geografia em diferentes realidades escolares. Nosso intuito é que a cartilha sobre a SAIGEO subsidie o trabalho docente na perspectiva do ensino de Geografia dinâmico, interativo, crítico e contextualizado, no sentido da cidadania. Assim, um ensino-aprendizado alicerçado em competências e habilidades suficientes para a compreensão do espaço geográfico, nas diversas escalas e conexões geográficas. O objetivo geral do trabalho foi produzir cartilha didática sobre a SAIGEO. De modo específico, objetivamos: refletir sobre o ensino de Geografia na perspectiva das metodologias ativas de ensino-aprendizagem; planejar a elaboração de cartilha didática sobre a SAIGEO; e disponibilizar virtualmente a cartilha sobre a SAIGEO, para ser utilizada no ensino-aprendizagem de Geografia em diversas realidades escolares. Para o alcance dos objetivos da pesquisa, lançamos mão de reflexões teóricas - em decorrência da pesquisa bibliográfica realizada - e de análises do ensino de Geografia conforme a nossa experiência e práxis profissional na docência dessa disciplina escolar em escola pública de Patos, na Paraíba. A linguagem da cartilha sobre a SAIGEO foi produzida de modo acessível ao docente e ao discente - particularmente, a partir dos Anos Finais do Fundamental. Esperamos que a cartilha proposta sirva como subsídio didático para o docente mediar o processo educacional em Geografia por meio da inversão da sala de aula, assim como seja útil para o estudante compreender tal processo, sobretudo, no que tange ao seu protagonismo no alcance da aprendizagem.

Palavras-chave: Metodologias Ativas, Sala de Aula Invertida, Ensino de Geografia, Cartilha Didática.

INTRODUÇÃO

No estágio atual da Globalização, é importante considerar que na Educação, o processo de ensino e aprendizagem não deve ser mais realizado por meio apenas de aula expositiva e

¹ Graduado em Geografia pela Faculdades Integradas de Patos-PB; Mestra em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – profmariamminervino@gmail.com;

² Graduado em Geografia pelo CEFET – Rio Grande do Norte; Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Doutor em Geografia, UNICAMP – São Paulo, diegosalomao84@hotmail.com

realização de atividades mnemônica. O uso das tecnologias da informação e comunicação – TICs, torna o processo educacional mais dinâmico e com estudantes participativos e protagonistas na construção de seus conhecimentos.

A Geografia é uma ciência de fundamental importância em nosso cotidiano. De maneira geral, podemos dizer que seu objetivo principal é a análise do espaço geográfico, bem como toda a sua dinâmica e interação dos fatos que nele ocorrem. Como disciplina escolar, “oferece sua contribuição para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto de transformação” (PONTUSCHKA, PAGANELLI, CACETE, 2009, p. 38).

A cartilha é um recurso instrucional importante na elaboração de estratégias para tornar determinada temática atrativa e interativa, além de promover a integração do conhecimento científico com a divulgação de novos conhecimentos a comunidade escolar, a exemplo do corpo docente, público-alvo de extensão da nossa pesquisa. Dialogar com esses conceitos básicos da pesquisa colocam em evidência a contribuição de sua dinâmica para o desenvolvimento científico e social na construção da práxis educacional.

Repensar as práticas pedagógicas e as metodologias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem, reforça a busca pela utilização de novos métodos de ensino capazes de impactar positivamente no ambiente escolar, superando a perspectiva tradicional de ensino, já não eficaz, como fora outrora, diante das demandas dessa nova realidade social.

Nesse contexto, insere-se o ensino de Geografia, que nos últimos dez anos vem sendo uma das vertentes mais discutidas em eventos da Área, tencionando-se agregar propostas metodológicas que superem o ensino com base na descrição e memorização de fatos, fenômenos ou acidentes geográficos. Rossasi e Polinarski (2011) já nos alerta que o agir tradicional, torna a vivência de sala de aula pouco produtiva; com a consciência ingênua ou não crítica, os alunos fazem o papel de ouvintes, comprovando a não ocorrência de uma aprendizagem interativa.

Neste trabalho estudamos a metodologia da Sala de Aula Invertida (SAI), internacionalmente conhecida como *Flipped Classroom* (FP) que enquanto metodologia ativa de ensino, foca no estudante e no aprendizado por meio de problemáticas da realidade, viabilizando a consciência crítica das realidades e das sociedades contemporâneas.

A SAI é uma proposta de intervenção pedagógica que, para Bergmann e Sams (2017, p. 11), tem basicamente o seguinte conceito: “o que tradicionalmente é feito em sala de aula, agora é executado em casa, e o que tradicionalmente é feito como trabalho de casa, agora é realizado em sala de aula”. Funciona por meio de momentos que definidos como: “Pré-aula”, o estudante

estuda o conteúdo antecipadamente, por meio de vídeos, textos ou outros materiais pedagógicos elaborados e/ou recomendados pelo professor; “Aula”, os conteúdos são aprofundados na sala de aula, por meio de exercícios, estudo de caso, textos complementares. Sanar dúvidas e promover a interação entre a turma; e “Pós-aula” ou revisão, que é o *feedback*, a avaliação para os alunos exercitarem o que aprenderam, por meio de atividades em grupos, resumos, atividades no ambiente virtual de aprendizagens ou nas plataformas adaptativas.

A pesquisa desenvolvida foi apresentada de forma clara e contextualizada por meio da Cartilha Didática elaborada, versando sobre os novos paradigmas da educação e do processo de ensino, justificando a abrangência da realidade abordada e investigada no estudo.

Assim sendo, focando no ensino de Geografia no Ensino Básico, o presente trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência sobre a produção e confecção de uma Cartilha Didática voltada para os professores de Geografia, abordando os conceitos e as contribuições das metodologias ativas de ensino e de aprendizagem em Geografia, com orientações pertinentes à aplicação da metodologia Sala de Aula Invertida (SAI) em processo educacional realizado na Educação Básica.

METODOLOGIA E ESTRUTURA DA CARTILHA: PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E CONSTRUÇÃO

Para o alcance dos objetivos da pesquisa, lançamos mão de reflexões teóricas - em decorrência da pesquisa bibliográfica realizada - e de análises do ensino de Geografia conforme a nossa experiência e práxis profissional na docência dessa disciplina escolar em escola pública de Patos, na Paraíba. Realizamos a pesquisa com o entendimento de que esse é um processo dialógico, de desafios e de incertezas, cujo resultado esperado é a produção de conhecimentos. Esse entendimento coaduna com Demo (2006, p. 16-17), que define a pesquisa na perspectiva de problemática da realidade e destaca a sua pertinência, inclusive, para o ensino-aprendizagem no contexto escolar.

Os procedimentos metodológicos da pesquisa foram organizados em duas etapas: na primeira, realizamos pesquisa bibliográfica e reflexão teórica sobre metodologias ativas de ensino-aprendizagem e SAI, detidamente, quanto ao ensino de Geografia; na segunda, produzimos a cartilha sobre a SAIGEO, relacionando reflexões teóricas e análises acerca do ensino de Geografia com a aplicação de tais metodologias, especificamente, da SAI. De acordo com Lakatos e Marconi (1991, p. 183), a pesquisa bibliográfica “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais,

revistas, livros, monografias, teses, pesquisas [...]”. Destarte, realizamos essa busca na internet - em sites de bibliotecas de universidades brasileiras e de periódicos científicos da Geografia.

A SAIGEO, SALA DE AULA INVERTIDA NO ENSINO DE GEOGRAFIA, é uma Cartilha Didática, cuja proposta relaciona a metodologia da SAI com o ensino de Geografia. Dessa maneira, propõe-se que a compreensão da dinâmica do espaço geográfico seja desenvolvida por intermédio da inversão da sala de aula, ou seja, o docente faz a mediação do processo educacional com a recomendação e a orientação de atividades para o estudante realizar em casa ou em outro ambiente externo ao da sala de aula. Nesse ambiente, o docente promove discussões e orientações acerca do conteúdo recomendado para o estudo. O estudante deve realizar as atividades recomendadas, interagindo com o docente de modo a sanar dúvidas ou a qualificar mais e melhor conhecimentos produzidos. Como culminância do processo educacional, tem-se o aprendizado de conteúdos e a definição de conceitos em decorrência da cooperação entre docente-discente e entre discentes, da contextualização do ensino, da criticidade concernente às reflexões e da formação para a cidadania enquanto essência do percurso desenvolvido.

No decorrer dessa cartilha qualificamos a SAIGEO. Para isso, organizamos o conteúdo da cartilha em quatro partes, a saber:

- Na primeira parte, refletimos teoricamente sobre metodologias ativas de ensino-aprendizagem, detidamente, sobre a SAI no ensino de Geografia.
- Na segunda parte, analisamos a inversão da sala de aula no ensino de Geografia.
- Na terceira parte, avaliamos a metodologia da SAI, destacando-se exemplos quanto a aplicação dessa metodologia.
- Na quarta parte, trazemos à tona a conclusão da proposta acerca da SAIGEO, sublinhando-se horizontes para que outros esforços sejam realizados no que se refere às reflexões e práticas condizentes a metodologias ativas de ensino-aprendizagem, no ensino de Geografia ou de outras disciplinas escolares.

Desejamos que a cartilha desperte processos educacionais ativos quanto à aprendizagem, que sejam realizados em diversas realidades escolares e conforme estas, pois, segundo Libâneo (1994), é princípio básico da Educação a utilização de metodologias e a produção de conhecimentos tendo-se em vista os agentes sociais envolvidos no processo, os seus cotidianos e as possibilidades de vivência e de transformação da realidade.

AS METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA - O ENSINO HÍBRIDO COM FOCO NA SALA DE AULA INVERTIDA (SAI)

As motivações que direcionam as grandes discussões em Educação são, frequentemente, aquelas relacionadas ao que vem ocorrendo em períodos distintos da história da Educação brasileira e que tratam das problemáticas metodológicas concernentes a prática em sala de aula. Dentre essas problemáticas, destacamos as questões referentes a conteúdos descritivos, ao método mnemônico e a avaliações tradicionais, ainda persistentes no ensino e na aprendizagem das diferentes disciplinas escolares, notadamente no ensino de Geografia. De modo geral, estrutural e metodologicamente, a escola de hoje pouco difere daquela do início do século passado.

No entanto, os estudantes de hoje são considerados os “nativos digitais”, não aprendem da mesma maneira que os discentes do século anterior. A chamada era da informação vem mudando a lógica espacial e a concepção de lugar, com as novas tecnologias da informação e da comunicação causando transformações nas formas de os homens pensarem, agirem e aprenderem. Assim, as teorias e os métodos pedagógicos tradicionais não dão conta da complexidade que caracteriza o contexto atual e, nesse sentido, a escola e os professores necessitam acompanhar esse processo de mudanças, preparando-se para as novas situações de ensino e de aprendizagem.

Já a partir do Ensino Fundamental, os alunos têm mais contato com as informações da sociedade globalizada, chegando à escola com um saber prévio para o desenvolvimento de novos conhecimentos. O bom professor é capaz de adaptar a realidade da renovação do ensino, levando o aluno para compreender o espaço nas diferentes escalas geográficas.

Os estudantes de hoje valorizam as aulas que apresentam significados para eles, sabem diferenciar uma aula bem planejada daquela que é realizada no improviso. Muitos problemas de aprendizagem podem ser explicados pela falta de hábitos de estudo, pela ausência ou uso inapropriado do tempo pedagógico e de estratégias de estudo.

Cuidar da aprendizagem convém considerar que “aprender, então, não pode ser um ato mecânico, pois exige curiosidade, atenção, espírito investigador e ousadia para enfrentar o novo” (NUNES; SILVEIRA, 2015, p.34). Nesse “contexto político, a pessoa deixa a condição de objeto para a de sujeito dotado de capacidade de alternativas” (DEMO, 2004, p. 13).

As metodologias ativas de ensino e aprendizagem vêm ganhando, cada vez mais, notoriedade na atualidade. No entanto, segundo Moran (2014, p. 18), “teóricos como Dewey

(1950), Freire (2009), Rogers (1973), Novack (1999), entre outros, enfatizam, há muito tempo, a importância de superar a educação bancária, tradicional e focar a aprendizagem no aluno, envolvendo-o, motivando-o e dialogando com ele”. Nas obras de Vygotsky e Paulo Freire, observamos que esses autores já orientavam para uma perspectiva de ensino que promovesse a aprendizagem com os princípios da autonomia e da inovação de forma participativa e postura reflexiva para analisar criticamente a realidade vivida, colocando os estudantes no centro do processo educacional, como os agentes responsáveis pela construção do conhecimento.

A Pedagogia Tradicional é citada na BNCC (2017) e nos PCNs (1998) “como uma proposta de educação centrada no professor, cuja função se define como a de vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria” (BRASIL, 1998, p. 39). Nesse sentido, o ensino de Geografia seria desenvolvido pela descrição de conteúdos, pela memorização, sem atenções para o significado dos conteúdos para a vida do estudante. Essa perspectiva de Educação começou a ser contraposta pela pedagogia de Dewey (1897), que em suas palavras “a educação é um método fundamental do progresso e da reforma social”. (1897, p. 93).

No que tange aos princípios das metodologias ativas, Bastos (2006, p. 23) destaca os “processos interativos de conhecimento, análise, estudos, pesquisas e decisões individuais ou coletivas, com a finalidade de encontrar soluções para um problema”. Berbel (2011, p. 5) entende que as metodologias ativas “baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos”.

Atualmente, os sistemas educacionais são, de modo geral, classificados em três modelos de aprendizagem: o presencial – comum em escolas de Ensino Fundamental e Médio, o ensino aberto a distância (EAD) – modalidade, geralmente, usada no Ensino Superior, na Pós-Graduação ou em cursos de capacitação, e o ensino híbrido – que pode ser usado em qualquer nível de ensino presencial e/ou a distância.

Assim, o ensino híbrido apresenta-se como alternativa viável para combinar o uso das TIC com técnicas ou metodologias tradicionais à educação formal, mesclando o modelo presencial – que há tempos ocorre em sala de aula, com inovações tecnológicas e recursos *online* – tornados, gradativamente, complementares nas práticas pedagógicas; é, portanto, uma mudança progressiva, mas não radical, no modo como as aulas podem ser desenvolvidas.

Segundo Moran (2014, p. 27), “a educação é híbrida também porque acontece no contexto de uma sociedade imperfeita, contraditória em suas políticas e em seus modelos, entre as ideias afirmadas e as práticas efetuadas”, uma sociedade com diferentes ritmos e competências comportamentais. Por isso, o conceito de ensino híbrido está relacionado à

inovação disruptiva, pois, sugere a modernização de alguns paradigmas educacionais, possibilitando ultrapassar modelos que não são coerentes com a realidade socioemocional e de valores dos agentes sociais que caracterizam a comunidade e o ambiente escolar.

A metodologia da SAI pode ser destacada entre as demais propostas de ensino híbrido – como alternativa metodológica para as escolas públicas, por ser flexível quanto à utilização de tecnologias, possibilitando abordagens em sala de aula e para além da sala de aula, para a realização de trabalhos e a retirada de dúvidas, por meio da utilização de recursos educacionais digitais que podem ser disponibilizados via e-mail, plataformas adaptativas, redes sociais. Assim, podem ser disponibilizados materiais didáticos para os estudantes e recomendadas atividades para eles apreenderem interagindo entre si e com os recursos educacionais digitais presentes.

É uma metodologia ativa de aprendizagem que reforça a colaboração, a criatividade, a inovação o foco na solução de problemas, bem como na criação de ambientes de aprendizagem significativos, que busca a personalização dos estudantes, auxiliando-os nas necessidades individuais “por carecerem de formação adequada quanto ao material, não têm interesse pelo assunto ou simplesmente não se sentem motivados pelo atual modelo educacional” (BERGMANN; SAMS, 2017, p. 6).

A Sala de Aula Invertida muda o local onde a apresentação de conteúdos acontece e, assim, transforma o encontro com a turma no momento de usar estratégias de aprendizagem ativa. Em vez do professor ficar na frente e dar a aula, o que abre uma distância (eu sou o professor, você é o aluno), na SAI o professor estabelece mais relacionamento com os estudantes, conseguindo atingi-los de um modo que não conseguia antes. Por isso, a SAI é muito mais do que usar vídeos. Ela tem a ver com as coisas ativas que acontecem na aula, porque deslocamos as apresentações de conteúdo para outro momento (BERGMANN; SAMS 2017, p. 2)

Bergmann e Sams (2016, p. 11) afirmam que o importante de inverter a sala de aula tem mais a ver com a mentalidade dos docentes, deslocando a atenção dada ao professor e passando agora para o aprendiz e para a aprendizagem, onde “o papel do professor na sala de aula é o de amparar os alunos, não o de transmitir informações” (BERGMANN; SAMS, 2017, p. 14).

Essa mentalidade pode ser construída por meio de apresentação de novos recursos didáticos e instrucionais, com a utilização de outras linguagens, por isso justifica-se apresentar a nossa proposta de informações para o professor, por meio da Cartilha Didática. Parte-se do pressuposto de que o conhecimento de uma determinada temática deve envolver leituras e interpretações por meio de recurso agradável, leve e lúdico, sem, contudo, perder as

informações e orientações científicas. Foram usadas imagens e informações que representam os “momentos” que compõem a SAI. Considerando que muitos professores ainda não são familiarizados com a linguagem construtora do ensino híbrido e da sala de aula invertida, redigimos o texto com linguagem científica, porém de fácil compreensão e com objetivos elucidastes e concisos.

No que se refere à história da SAI, Valente (2014, p. 86) afirma que “a ideia da sala de aula invertida não é nova e foi proposta inicialmente por Lage, Platt e Treglia (2000), concebida como *inverted classroom* e usada pela primeira vez em uma disciplina de Microeconomia em 1996 na Miami University (Ohio, EUA). Na educação Básica, Valente (2014, p. 87) explica que, a partir dos anos 2010, o termo “*flipped classroom*” passou a ser um chavão, impulsionado em parte por publicações internacionais como no *The New York Times* (FITZPATRICK, 2012); a partir de então surgiram diversos exemplos de escolas de Ensino Básico que passaram a implantar essa abordagem”.

Conforme Bergmann e Sams (2012), na Educação Básica, as atividades realizadas pela perspectiva da SAI devem ser melhor planejadas, tendo-se em vista a complexidade de situações escolares e os diferentes níveis cognitivos e realidades familiares dos estudantes. Assim, os autores, no livro *Flip your classroom: reach every student in every class day*, evidenciam experiências que desencadearam nas aulas de Química, em turmas de Ensino Médio, por meio da SAI.

Valente (2014, p. 86), cita as quatro regras básicas do guia (*FLIPPED CLASSROOM FIELD GUIDE*, 2014) criado por um grupo de professores norte-americanos para a realização bem-sucedida da SAI: 1) As atividades em sala de aula envolvem uma quantidade significativa de questionamento, resolução de problemas e de outras atividades de aprendizagem ativa; 2) os alunos recebem *feedback* imediatamente após a realização das atividades presenciais; 3) os alunos são incentivados a participar das atividades *on-line* e das presenciais, sendo que elas são computadas na avaliação formal, ou seja, valem nota; 4) todo o material disponibilizado de forma *on-line* ou em sala de aula são altamente estruturados e bem planejados.

Bergmann e Sams (2017, p. 45) consideram que a SAI “é compatível com outras metodologias ativas, podendo ser aplicada de maneira conjunta com variadas metodologias de ensino. Os autores sublinham que “não há uma única maneira de inverter, o professor que optar pela inversão terá sua maneira de colocá-la em prática, mas deslocando a atenção do professor para o aprendiz e para a aprendizagem” (BERGMANN; SAMS, 2017, p. 10).

Segundo Johnson *et al* (2014. p. 5), a eficácia da aplicação da SAI decorre da possibilidade de potencializar o tempo valioso de classe “[ser] dedicado ao aprendizado mais

ativo, com base em projetos onde os alunos trabalham juntos para resolver desafios locais ou globais – ou outras aplicações no mundo real – para ganhar uma compreensão mais profunda do assunto”. Ao invés de o professor usar o tempo de aula para fornecer informações, o trabalho é feito por cada aluno depois da aula e pode assumir a forma de assistir a palestras, ouvir *podcasts*, folhear conteúdo de *e-books* ou colaborar com seus pares em comunidades *online*.

Assim, Moran (2014, p. 22) afirma que “precisamos disponibilizar o conteúdo fundamental, elaborar alguns roteiros de aula em que os alunos leiam antes os materiais básicos e realizem atividades mais ricas em sala de aula com a supervisão dos professores”. É nesse sentido que ocorre os planejamentos para implantar a SAIGEO, misturando vídeos e materiais nos ambientes virtuais com atividades de aprofundamento nos espaços físicos (salas).

Por meio da busca de pesquisas acerca do uso da SAI no ensino de Geografia, destacamos duas dissertações. A primeira, escrita por Knuth (2016), intitulada *Possibilidades no ensino de Geografia: o uso de tecnologias educacionais digitais* e defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Neste trabalho, a pesquisadora realça as possibilidades das tecnologias digitais no ensino de Geografia, realizando intervenção pedagógica com os princípios de SAI, com alunos do 9º ano Escola Municipal de Ensino Fundamental Heitor Soares Ribeiro, situada na cidade de Canguçu (RS).

A segunda, produzida por Yoshizawa (2018), com o título *Sala de Aula Invertida: um estudo das percepções dos professores na experiência da metodologia SAI*, defendida no Programa de Pós-graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A pesquisa teve como objeto de estudo a SAI como proposta de metodologia ativa na ação da prática pedagógica, com os sujeitos da pesquisa sendo professores da Educação Básica participantes de um curso de extensão promovido pela UFPR no município de Curitiba (PR).

Atualmente, são vários os recursos disponíveis para utilização, como o *Google Earth*³, programa gratuito para *download*. Com a utilização deste, e de outros programas disponíveis em rede e de acesso gratuito, é possível nas aulas de Geografia a observação da situação atual

³ “*Google Earth* é um programa de computador desenvolvido e distribuído pela empresa estadunidense do *Google* cuja função é apresentar um modelito tridimensional do globo terrestre, construído a partir de mosaico de imagens de satélite obtidas de fontes diversas, imagens aéreas (fotografadas de aeronaves) e *GIS 3D*. Desta forma, o programa pode ser usado simplesmente como um gerador de mapas bidimensionais e imagens de satélite ou como um simulador das diversas paisagens presentes no Planeta Terra. Com isso, é possível identificar lugares, construções, cidades, paisagens, entre outros elementos. O programa é similar, embora mais complexo, ao serviço também oferecido pelo *Google* conhecido como *Google Maps*” (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Earth>. Acesso em: 26 nov. 2019).

do espaço estudado, pois, há a “possibilidade de aproximação e distanciamento, sobrevoos, observação de edificações, algumas em 3D” (PEREIRA, 2010, p. 53).

A Geografia se tornou uma ciência e disciplina importante e coaduna com os princípios da Sala de Aula Invertida - SAI, para a construção da cidadania, pois, conforme Callai (2005, p. 247), “a Geografia é uma ciência social, que ao ser estudada, tem de considerar o aluno e a sociedade em que vive. Não pode ser uma coisa alheia, distante, desligada da realidade. Não é um amontoado de assuntos, onde os temas são soltos, defasados ou de difícil compreensão dos alunos”.

A autora destaca que não é possível pensar o ensino e a aprendizagem da Geografia sem permitir que o aluno se sinta como parte integrante do contexto espacial estudado. Ainda contesta o ensino da Geografia escolar marcado pela fragmentação do saber e pelo distanciamento da realidade dos educandos. Conforme orientam Azambuja & Callai (1999, p.189), “os conteúdos não deverão ser estudados principalmente como meio formativo da capacidade de raciocínio geográfico, de interpretação dos fenômenos socioespaciais.”

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017, p. 361) destaca que “estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. Dessa forma, como ciência e disciplina que deve ser abordada de modo contextualizado, com estratégias metodológicas, sobretudo, pautadas na esteira das metodologias ativas e das novas tecnologias da informação e da comunicação

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das metodologias ativas de ensino-aprendizagem pode-se desenvolver processo educacional com dinamicidade, interatividade, criticidade e contextualização. No caso do ensino de Geografia, é possível conectar o aprendizado de conteúdos programados com a dinâmica do espaço vivido, o que é importante para qualificar o raciocínio geográfico na perspectiva da produção de conhecimentos e da definição de conceitos.

De modo específico, a metodologia da SAI proporciona o desenvolvimento de ensino híbrido, caracterizado por atividades presenciais ou síncronas e atividades não presenciais ou assíncronas, cuja mediação do docente e protagonismo do estudante são aspectos imprescindíveis para a eficácia do ensino-aprendizagem.

A cartilha produzida, além de contribuir para a popularização do conhecimento sobre a Sala de Aula Invertida, também pode ser utilizada como uma ferramenta para orientar

professores de Geografia e de outros componentes curriculares na aplicação desse método. Ao fomentar essas reflexões, a cartilha pode auxiliar o professor na construção de sequências didáticas com base na “inversão da sala” e dinamizar a abordagem dos conceitos e princípios da Geografia e das metodologias ativas, com foco na SAI.

Na cartilha sobre a SAIGEO evidenciamos experiências da aplicação da SAI no ensino de Geografia, em contextos escolares e sociais em que foi possível utilizar TIC de forma síncrona. Além disso, colocamos em tela dicas para o desenvolvimento da SAIGEO sem essa utilização, ou com o uso de tecnologias assíncronas. A aplicação da SAI com ou sem as TIC, enfatizam que a essência dessa metodologia está pautada na mudança de consciência do aluno e do professor, na aprendizagem significativa. As TIC podem potencializar a proposta, mas não são determinantes; sendo a mediação do docente e a participação ativa do estudante, os elementos que fundamentam a dinamicidade das metodologias ativas, do ensino híbrido e da sala de aula invertida, temas centrais na produção da Cartilha SAIGEO.

REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu & CALLAI, Helena Copetti. A Licenciatura de Geografia e a Articulação com a Educação Básica. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCÄFFER, Neiva Otero & KAERCHER, Nestor André. (orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999

BASTOS, Celso da Cunha. **Metodologias ativas**. 2006. Disponível em: <<http://educacaoemeducacao.blogspot.com.br/2006/02/metodologias-ativas.html>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

BERBEL. Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BERGMANN, Jonathan. ; SAMS, Aaron. **Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem**. Tradução de Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

BERGMANN Jonathan. e SAMS, Aaron. **Flip Your Classroom: Reach Every Student in Every Class Every Day**, USA, International Society for Technology in Education. 2012

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-3>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Cad. Cedes/Campinas**, v. 25, n. 66, p. 227-247, mai./ago., 2005.

DEMO, P. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2004.

DEWEY, John. **My pedagogic creed**. Early works of John Dewey. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1897. p. 84-95.

JOHNSON, Larry et al. **Technology outlook for brazilian universities: a horizon project regional report**. Austin: New Media Consortium, Saraiva, 2014. Disponível em: <<http://www.nmc.org/publication/2014-nmc-technology-outlook-brazilian-universities>>. Acesso em: 30 dez. 2018

KNUTH, Liliane Redu. **Possibilidades no ensino de Geografia: o uso de tecnologias educacionais digitais**. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MORAN, José Manuel. Educação Híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (Org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima,; SILVEIRA, Rosemary Nascimento. **Psicologia da aprendizagem**. 3. ed. rev. – Fortaleza: EdUECE, 2015

PONTUSCHKA, Nídia Nacib.; PAGANELLI, Tomoko Iyda. ; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3 ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2009.

ROSSASI, Lucilei Bodaneze.; POLINARSKI, Celso Aparecido. **Reflexões sobre Metodologias para o Ensino de Biologia: uma perspectiva a partir da prática docente**. 2011. Disponível em: Acesso em: 20 jul. 2020.

VALENTE, José Armando. *Blended learning* e as mudanças no Ensino Superior: a proposta da sala invertida. **Educar em Revista**, edição especial, n. 4, p. 79-97, set. 2014.

YOSHIZAWA, Erica. **A Sala de Aula Invertida: um estudo das percepções dos professores na experiência da metodologia SAI**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

ANEXO

